

AS FAMÍLIAS DO MOVIMENTO HIZMET EM SÃO PAULO: BRASILEIRAS CASADAS COM MUÇULMANOS TURCOS

Flávia Andréa Pasqualin¹

Francirosy Campos Barbosa²

Resumo: Este relato de campo tem como objetivo apresentar uma parte do Movimento Hizmet (ou também chamado de Movimento Gülen) no Brasil, tendo como foco discorrer sobre as famílias que compõem esse grupo no Brasil. Vale dizer que esta reflexão faz parte da pesquisa de doutorado “O (des) encanto do casamento intercultural: brasileiras casadas com muçulmanos turcos” que vem sendo desenvolvida com o intuito de compreender os aspectos étnicos e religiosos existentes no casamento entre uma brasileira (muçulmana ou não) e um muçulmano turco. Tal pesquisa é desenvolvida com base no método etnográfico presencial e virtual. Conhecer as famílias que compõem Hizmet, tanto as mistas como as turcas, e o modo como se organizam é uma oportunidade de pensar um pouco mais sobre o Islã na Turquia, sobre o Islã no Brasil e consequentemente entender o fenômeno dos casamentos interculturais entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros.

Palavras-chave: Islã – Turquia – Hizmet – casamento intercultural

Abstract: This field report aims to present a part of the Hizmet Movement (or also called Gülen Movement) in Brazil, focused on the families that make up this group in Brazil. It is necessary to mention that this reflection is a part of the doctoral research “The (dis) enchantment intercultural marriage: Brazilian woman married with Turkish Muslims man” that has been developed to understand the ethnic and religious aspects existing in the marriage between a Brazilian woman (Muslim or not) with a Turkish Muslim man. This research is developed based on presential and virtual ethnographic method. Knowing the families that make up Hizmet and the way they are organized is an opportunity to think a little more about Islam in Turkey, about Islam in Brazil and consequently understand the phenomenon of cross-cultural marriages between Brazilian woman and foreign Muslims.

Keywords: Islam - Turkey - Hizmet - intercultural marriage

Este relato de pesquisa de campo tem como objetivo apresentar uma parte do Movimento Hizmet³ (ou também chamado de Movimento Gülen) no Brasil, mais especificamente, o foco é discorrer sobre as famílias que compõem esse grupo no Brasil.

Vale dizer que esta reflexão faz parte da pesquisa de doutorado “O (des) encanto do casamento intercultural: brasileiras casadas com muçulmanos turcos” que vem sendo desenvolvida com o intuito de compreender os aspectos étnicos e religiosos existentes no casamento entre uma brasileira (muçulmana ou não) e um muçulmano turco. Tal pesquisa é desenvolvida com base no método etnográfico presencial e virtual.

De acordo com Vicent Crapanzano (1991:91) que equipara o etnógrafo a Hermes, o

¹ Flávia Andréa Pasqualin é psicóloga e pedagoga, doutoranda em Psicologia Social pela FFCLRP-USP - Departamento de Psicologia pasqualin@usp.br . Bolsista FAPESP.

² Francirosy Campos Barbosa é antropóloga, docente do Departamento de Psicologia da FFCLRPUSP, pós-doutora na Universidade de Oxford, sob supervisão do professor Tariq Ramadan. Coordenadora do GRACIAS/USP (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes). E-mail: franci@ffclrp.usp.br

³ Palavra turca que significa serviço

■ relato de campo

qual “*tiene la misión de clarificar lo obscuro, de trocar en familiar lo extraño, de interpretar lo que en apariencia no tiene sentido [...]*”, assim, buscou-se dialogicamente compreender esses dois mundos que compõem nossa realidade.

Dessa forma, o campo virtual foi composto por comunidades no *Facebook*, *blogs*, *vlogs* e internautas casadas com muçulmanos estrangeiros que se referiam a temática pesquisada. O campo presencial foi composto por mulheres brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros, pela comunidade muçulmana ligada a Mesquita de Barretos e pela comunidade turca de São Paulo, a qual faz parte do Movimento Hizmet e daí a intenção de apresentar, neste texto, aos brasileiros essa parte da Turquia em nosso território.

A Turquia, embora seja um país com uma importante história milenar, no Brasil há um déficit muito grande no conhecimento de sua cultura e de seu povo. O pouco que se conhece sobre este país rico em beleza e história cultural, em grande parte, vem do discurso televisivo apresentado por meio de novelas brasileiras, e agora também por novelas turcas, e/ou por programas de turismo. Ainda hoje, há quem não saiba que Istambul é a antiga Constantinopla – capital do Império Bizantino, também conhecido por Império Romano do Oriente (395 -1453).

Quando cito o Império Romano do Oriente é porque quero marcar de forma proposital o nosso conhecimento sobre esta parte do mundo. Como somos um país de tradição católica é natural que o nosso conhecimento esteja pautado em uma agenda ocidental e, portanto, muito do que temos registrado sobre a Turquia, em livros de língua portuguesa, está relacionado a esta época, especialmente sobre a arte bizantina. Pois, neste período, havia a supremacia da religião católica entre a população turca.

De acordo com Fernanda de Camargo-Moro (2005), com a tomada de *Konstantiniye*, como era chamada pelos turcos, por Mehmet II (sultão otomano) em maio de 1453, Constantinopla passou a se chamar Istambul e a religião oficial passou a ser o Islã, embora todas as demais tivessem garantias para o seu exercício em terras turcas. Juntamente com a queda do Império Romano do Oriente foi obscurecida a história do Império Otomano para nós brasileiros.

Seria eloquente querer compilar toda a história da Turquia num breve artigo, no entanto, é preciso situar os ouvintes brasileiros e posteriormente os leitores dos resultados desta apresentação, sobre importantes acontecimentos históricos que contribuem para entendermos nossa ausência de conhecimento sobre esta parte do mundo e também sobre nós mesmos, uma vez que se entende o desenvolvimento humano e suas manifestações decorrentes da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais e sociopolíticos.

Contudo, quando falamos em um passado mais recente, temos o brasileiro que relaciona o homem turco ou a mulher turca aos árabes. Historicamente, segundo John T. Karam (2009), a designação “turco” foi criada por políticos brasileiros para os imigrantes árabes que aqui chegavam, desde o final do século do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, com seus passaportes emitidos pelo Sultanato Otomano. Segundo o autor, com a

criação da Síria e do Líbano como entidades geopolíticas sob o mandato colonial francês na década de 1920, a imigração brasileira passou a incluir as categorias de “sírio” e “libanês” para a população vinda do Oriente Médio.

Todavia, os turcos⁴, que outrora denominavam os árabes que aqui chegavam, hoje, chegam diretamente da Turquia e mostram-se cada vez mais presentes em nosso cotidiano, embora ainda haja confusão no imaginário brasileiro sobre quem é quem. Desde 2010, o Brasil vem estreitando seus laços econômicos com a Turquia, o que promove o intercâmbio de empresas, produtos, turismo e, por conseguinte de pessoas.

De acordo com matéria publicada por Marina Valle (2013) no jornal Folha de São Paulo, em abril de 2013, entre os anos de 2010 e 2012, o número de brasileiros que foram a Istambul, principal cidade turca, aumentou 36%, passou de 65,2 mil para 88,9 mil em dois anos. Desde julho de 2012, em resposta ao interesse crescente dos brasileiros, a *Turkish Airlines* (companhia de aviação turca) passou a voar diariamente de São Paulo para Istambul.

Sylvia Dantas (2012) afirma que o momento da história – globalização – que vivemos promove cada vez mais o contato intercultural, ou seja, o contato entre pessoas de distintas culturas. Entretanto, se por um lado se aumenta o diálogo entre culturas, por outro, a autora deixa claro que, nessa perspectiva intercultural, existem mais pontos de conflito do que de sinergia. Segundo ela, a mudança para outra sociedade e cultura coloca em xeque o modo de ser e de ver o mundo, modificando a maneira de se relacionar com as pessoas e, trazendo à tona a questão de quem se é. Esse desconcerto ocorre em virtude das pessoas que são socializadas em uma determinada cultura incorporarem formas de sentir, de pensar e de agir que envolvem processos de identificação intensos com o local, partilhando de uma mesma memória e de um mesmo universo simbólico que estabelece certas alianças entre as pessoas. No entanto, algumas imigrações podem ter um propósito bem específico, que é justamente aumentar, de forma consciente, a sinergia em detrimento dos pontos de conflito, como é o caso do Movimento Hizmet.

O Movimento Hizmet é um movimento da sociedade civil e está fundamentado nos preceitos do erudito muçulmano Fethullah Gülen. Embora comece a pipocar estudos sobre este Movimento no cenário brasileiro, ainda carecemos conhecê-lo melhor. Hoje, estima-se que cerca de vinte por cento da sociedade turca esteja ligada a ele. No Brasil, o Movimento Hizmet chegou em 2004, e vem propondo aos brasileiros a construção de um diálogo entre as duas sociedades. Desde então, o grupo tem unido esforços para apresentar

⁴ Segundo Gilberto Abrão, em Olatoeiro's Blog, quando os turcos otomanos dominavam o Oriente Médio, muitos árabes saíram de seus territórios durante a segunda metade do século dezenove. Não existiam ainda os países árabes geográfica e politicamente definidos como hoje. A Síria, por exemplo, compreendia o território dos países de hoje: Jordânia, Israel (Palestina), Líbano e Síria. Esses emigrantes vinham com um documento chamado “*laissez passer*” (do francês “Deixai passar”) emitido pelo governo turco que dominava aquela região. Eram, portanto, considerados turcos, embora não soubessem dizer três palavras na língua do império. Disponível em: <http://olatoeiro.wordpress.com/2010/03/13/por-que-os-arabes-sao-chamados-de-turcos/>. Acessado em 10/5/13.

■ relato de campo

a cultura turca aos brasileiros e promover o intercâmbio de conhecimento entre as duas nações.

Para se entender o Movimento Hizmet é preciso ir além de Fethullah Gülen e conhecer uma das principais fontes que o influenciou: Said Nursi, o qual é, certamente, o pensador muçulmano mais influente na Turquia do século XX, estimando-se que suas obras sejam estudadas por quase 13 milhões de muçulmanos, segundo Thomas Michel (2014).

Podemos dizer, de acordo com Trudy D. Conway (2014), que Nursi influenciou Gülen a chamar os muçulmanos para viver uma vida islâmica modelada no comportamento do Profeta Muhammad, com foco na moral cívica e pessoal. Assim, muitos muçulmanos foram chamados a cultivar tanto o intelecto quanto as virtudes morais e dessa forma, desenvolver uma vida ativa produzindo boas ações e trabalhando a serviço da humanidade, como é o caso dos turcos ligados a esse movimento que estão no Brasil.

Nesse sentido, esse grupo fundou no Brasil, em 2007, o Colégio Belo Futuro Internacional (CBFI), que é a primeira escola do Movimento Hizmet aqui. De acordo com Gülen (2010a) no livro *“Ensaaios – Perspectivas – Opiniões”*, o dever principal e o propósito da vida humana é procurar compreensão e o caminho para isso é a educação. Em 2011 foram fundadas a Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira (CCITB) e o Centro Cultural Brasil-Turquia (CCBT), em São Paulo. Hoje, o CCBT tem unidades em Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro e está dividido em quatro plataformas, sendo elas; Plataforma de Responsabilidade Social, Mídia, Mulheres e Jovens. As plataformas mencionadas acima desenvolvem diversas atividades que tem como objetivo aproximar turcos e brasileiros. Em 2013 foi fundado o Centro Islâmico e de Diálogo Inter-religioso e Intercultural (CIDI), uma organização inter-religiosa e intercultural, sem fins lucrativos e sem cunho político ou partidário, a qual busca cultivar os valores da cultura e da religião Islâmica por meio do convívio comunitário e em integração na sociedade, como também desenvolvem atividades beneficentes, de assistência social, promoção humana e filantrópica, voltadas para comunidades carentes e para necessitados em geral na cidade de São Paulo⁵.

Assim, os turcos e as turcas que aqui desembarcam no intuito de trabalharem em alguma das organizações do Movimento ou apenas para realizarem intercâmbio, formam uma considerável comunidade turca em nosso país. Segundo Mustafa Göktepe, presidente do Centro Cultural Brasil-Turquia, estima-se que hoje há por volta de 500 turcos espalhados pelo Brasil, sendo que metade deles estão ligados ao Movimento Hizmet.

Muitos deles chegam com suas famílias e outros, que chegaram, ainda jovens para realizarem seus estudos universitários, por vezes, acabaram se casando por aqui, o que hoje totalizam 6 casais. A maioria das famílias, cerca de 20, estão instaladas em São Paulo, sendo que há 2 famílias no Rio de Janeiro e 1 em Brasília. Os demais turcos e turcas presentes compõem o grupo de universitários que se encontram distribuídos em 5 apartamentos universitários em São Paulo, 2 apartamentos universitários no Rio de

⁵ Disponível em <http://islamedialogo.org.br/misso-2.html>. Acessado em 20/05/2016.

Janeiro, 2 apartamentos universitários em Brasília e um 1 apartamento universitário em Belo Horizonte.

Segundo Liza Dumovitch (2016) os estudantes universitários do gênero masculino embora não tomem decisões e nem ocupem cargos altos, eles desempenham um importante papel na comunidade, pois além de realizarem diversas tarefas de apoio às atividades promovidas pelo CCBT, pelo CIDI e mesmo pelo Colégio, fazem aulas de português com brasileiros, dão aulas de português para os turcos recém-chegados, dão aulas de turco para brasileiros, trabalham na organização dos eventos da comunidade e são responsáveis pelo bom exemplo de conduta moral para as crianças da comunidade, das quais são professores de religião, de leitura do Alcorão e de língua turca ou portuguesa.

Vale dizer que, durante o tempo de pesquisa foi possível observar que apenas turcos se casaram com brasileiras, já as moças turcas casaram-se com outros turcos. Este fato é explicado devido ao preceito religioso islâmico de que a religião é transferida pelo pai, sendo, então, os filhos muçulmanos. Por conta disso, as mulheres muçulmanas não podem se casar com homens não-muçulmanos já que os filhos devem ser educados na religião do pai. Já aos homens é cabido o direito de se desposarem com mulheres provenientes tanto do Judaísmo como do Catolicismo, já que estas religiões também acreditam em um Deus único. Acrescento que a grande maioria das mulheres casadas com os turcos do Movimento Hizmet são revertidas ao islamismo.

Essa proximidade com as famílias, tanto das famílias mistas (turcos casados com brasileiras) como das famílias turcas (turcos casados com turcas), fez com que fosse possível se observar a relação de companheirismo e partilha de tarefas entre os casais.

Se no início houve estranheza em ver a divisão entre os sexos num jantar tradicional entre amigos numa casa turca ou numa festa turca, onde homens ficam separados das mulheres, também saltou aos olhos ver a participação efetiva das esposas, sejam elas turcas ou brasileiras, nos eventos que são realizados pelo grupo, nos trabalhos prestados pelo Movimento, cursando faculdade ou pós-graduação, como também a colaboração dos maridos nos cuidados com os filhos. Para Gullen (2010a:75), embora considere fundamental que as meninas sejam educadas para serem delicadas e afetuosas também é preciso que estas tenham conhecimento para que não sejam transformadas em “seres pobres e impotentes por causa da delicadeza e da suavidade”.

De acordo com Dumovitch (2016:6-7) as mulheres da comunidade são as responsáveis pelos banquetes oferecidos pelo CCBT e pelo Colégio, segundo a autora

Embora elas atuem majoritariamente na esfera privada, elas são a fundação e os alicerces da comunidade e das várias esferas de atuação da comunidade na sociedade brasileira. Elas são mulheres, esposas, mães, professoras, donas-de-casa, amigas, responsáveis pelas estudantes, cozinheiras, anfitriãs de constantes convidados brasileiros em suas casas e, finalmente, muçulmanas devotas e estudiosas do Alcorão, dos ensinamentos de Fethullah Gülen e da obra de Said Nursi. Incansáveis, as Ablas desejam continuar seus estudos e ser bem-sucedidas profissionalmente, o que é encorajado pela sua família e pela comunidade, uma

vez que o conhecimento e a sua transmissão são valores bastante caros a essa comunidade.

Em 2013, durante um “Campo de Leitura”⁶ tivemos a oportunidade de conversar com um aluno do Sr. Fethullah Gülen, o Sr. Hamazan - um estudioso do Alcorão - que ao responder uma de nossas perguntas sobre família, nos diz

“[...] o objetivo é construir uma sociedade perfeita, família é a semente. Família perfeita irá educar melhor os filhos. Muito importante para o Islã. Há tarefas da esposa (educar os filhos) e tarefas do marido (sustentar a casa). Mas o homem também deve colaborar nas tarefas da casa! Veja o exemplo do profeta que ajudava sua esposa nos afazeres domésticos.”

Nesse sentido, de acordo com Sr. Fethullah Gülen (2010b:213), no livro *“Uma análise da vida do profeta Muhammad, o mensageiro de Allah”*, as mulheres podem ser seres secundários na mente de muitos, inclusive de muçulmanos, mas para os estudiosos do Alcorão e da vida do profeta, uma mulher é parte de um todo e acredita-se que quando duas metades se juntam, a verdadeira unidade do ser aparece, assim, sem essa união, “a humanidade não existe – nem a profecia, a santidade ou mesmo o Islam”. Nessa perspectiva, a formação de uma família vai muito além de uma simples realização pessoal. A família também está ligada ao dever cívico perante a humanidade.

Gülen (2010a:77) mostra a importância do casamento na formação de uma família saudável, o que significa contribuir através dos ensinamentos morais e da boa educação dada aos filhos para uma sociedade melhor, diz ele “se os pais encorajarem os filhos a desenvolver suas capacidades e serem úteis a si mesmos e à comunidade, dão à nação um forte novo pilar”. Portanto, sua recomendação aos que decidem se casar é se conhecerem muito bem e considerar a pureza de sentimento, a castidade, a moralidade e a virtude mais que a riqueza e a beleza física.

De acordo com Sylvia Dantas (2012) ao compreender etnograficamente as culturas em contato conseguimos entender o indivíduo, que neste caso, refere-se a compreensão do homem turco em sua totalidade. Deixar-se guiar apenas por entrevistas ou comentários é comprar uma realidade vista de longe, geralmente carregada de estereótipos que colaboram para que se perpetuem a falta de entendimento entre os indivíduos.

Em sendo assim, contrapor as informações advindas das experiências vividas no campo presencial com as informações adquiridas no campo virtual é possível começar a entender a problemática dos casamentos interculturais entre brasileiras e muçulmanos estrangeiros, de forma geral.

Pois, se no campo presencial encontra-se várias histórias em que o encantamento da união desses casais prevalece, no cenário virtual a realidade que prevalece são os

⁶ Todos os anos, no período de férias escolares, geralmente no final ou início do ano, essa comunidade turca se reúne para realizar um retiro religioso, chamado por eles de “Campo de Leitura” onde realizam leituras religiosas.

■ relato de campo

desencantos. Relatos dramáticos de experiências de mulheres que se envolveram com homens de países onde a população é, predominantemente, muçulmana circulam em grupos que compõem as redes sociais, reportagens jornalísticas online, blogs, vlogs e até alerta consulares.

Em janeiro de 2014, a questão dos relacionamentos ocorridos via internet entre brasileiras e estrangeiros, não especificamente estrangeiro muçulmano, começou a chamar atenção das autoridades brasileiras fazendo com que a realidade irrompesse o mundo virtual. Notas divulgadas pelo Itamaraty circularam por grupos no Facebook, em alguns blogs e foram comentadas em vlogs.

Passados alguns meses, de forma mais específica, algumas embaixadas como a de Islamabad e Amman também começaram a divulgar notas de alerta. A Embaixada do Brasil em Islamabad, capital do Paquistão, pede “extremo cuidado e atenção” às brasileiras que têm se comunicado pela internet com homens paquistaneses ou que iniciaram um relacionamento virtual com os mesmos. A nota divulga que essa forma de comunicação e relacionamento tem sido cada vez mais procurada por homens paquistaneses como forma de obter vistos de turismo para o Brasil com vistas à imigração irregular. E, na maioria dos casos estes homens já são legalmente casados no Paquistão, e usam mulheres brasileiras como plataforma para obter vistos e estabelecer-se irregularmente no Brasil. A embaixada recomendou que fossem verificadas identidade, situação socioeconômica e estado civil com o máximo cuidado, de forma a evitar situações que possam colocar a brasileira em situação de risco. Eles afirmam que, casos de relacionamentos iniciados dessa forma, resultaram em abuso moral, violência doméstica e cárcere privado, conforme foram registrados. Recordam ainda que os costumes do Paquistão, especialmente no que se refere ao tratamento das mulheres, diferem em muito dos brasileiros e devem ser levados em consideração.

Em outra nota de alerta, divulgada pela Embaixada do Brasil em Amã, capital da Jordânia, divulgada em fevereiro de 2015, trouxe em letras garrafais o seguinte aviso: “ATENÇÃO, CIDADÃ BRASILEIRA. TENHA MUITO CUIDADO! SEU FUTURO, SUAS FINANÇAS, SUA INTEGRIDADE FÍSICA E PSICOLÓGICA, OU MESMO A DE SEUS FILHOS OU FAMILIARES, PODEM ESTAR EM RISCO!” E novamente apareceu a preocupação com os relacionamentos via internet, em especial com homens árabes, os quais buscam cada vez mais essa forma de comunicação e relacionamento como forma de obter vistos de turismo para o Brasil com vistas à imigração irregular. Novamente enfatizam que esses homens já são, na verdade, legalmente casados em seus países de origem, e usam mulheres brasileiras como plataforma para obter vistos e estabelecerem-se irregularmente no Brasil.

Outras notas foram divulgadas pelo Itamaraty sempre com a mesma preocupação em alertar as brasileiras. Vale salientar, que estes são os casos notificados, pois muitas vezes essa é uma questão extremamente delicada e demora a ser delatada, principalmente, aos órgãos oficiais. Com efeito, presume-se que outros casos devam existir, mas ainda não foram

■ relato de campo

contabilizados. Essas notas resumem os problemas enfrentados por muitas brasileiras que apostam num relacionamento intercultural.

Sobre esse assunto, alguns líderes muçulmanos no Brasil também já demonstraram grande preocupação e chegaram a gravar vídeos que estão disponibilizados no Youtube que servem de orientação para brasileiras que se encontram em relacionamento com muçulmanos estrangeiros.

Com base no artigo “Islão Plástico” de Cardeira da Silva (1997), pesquisadora portuguesa, é que se reforça a ideia de que no Brasil, assim como nos demais países do Ocidente, existe um modelo uniformizado de Islã que negligencia as práticas e vivências contextuais, e embora não se tome conhecimento de suas nuances, ele existe e acaba por propiciar novos comportamentos em uma sociedade.

Dessa forma, de acordo Francirosy C. Barbosa (2016) precisamos estar atentos as especificidades históricas de cada grupo para realmente refletir sobre o que esses universos díspares nos revelam, pois, a pluralidade de sociedades islâmicas está pautada e deve ser levada em consideração.

Assim, ao percorrermos os fios dessa teia chamada trabalho de campo adquirimos um conhecimento que nos leva a compreender as dinâmicas de uma sociedade em movimento, na qual não cabe generalizações. As razões que levam uma mulher ao casamento intercultural são inúmeras e de difícil precisão, como também não há meios que possibilitem garantir o sucesso de uma união ou prever os problemas que essa pode acarretar. No entanto, aos olharmos atentos, guardando as devidas especificidades de cada grupo, podemos conhecer melhor esse outro; o diferente, o que vem de longe – o estrangeiro muçulmano.

O Hizmet, por meio de suas ações e da abertura de suas portas ao trabalho do pesquisador, possibilita que o Islã turco chegue até nós e ainda nos mostra o que é igual, o que é diferente, o que é parecido e como se mistura em nossa sociedade. Estar em campo com muçulmanos praticantes é oportunidade de conhecer o comportamento esperado de um religioso da fé islâmica, como também nos possibilita traçar alguns comportamentos desviantes, muitas vezes presenciados na internet (e não só nela). Já havia alertado Sheikh Mohamad Bukai, em entrevista de campo; é preciso saber que não é porque um homem vem de um país de tradição muçulmana que ele é um praticante e portanto, não se pode esperar dele o comportamento inerente a um religioso. Dessa forma, cautela e bom senso cabe bem em qualquer sociedade e em qualquer realidade, seja ela presencial ou virtual. ■

Bibliografia

BARBOSA, F. C. (2016). Islã: Religião ou Política? **Revista Diáspora: Narrativas em Movimento**. Disponível em <http://www.revistadiaspora.org/2016/05/06/isla-religiao-ou-politica/> Acessado em 12/07/2016.

■ relato de campo

CAMARGO-MORO, F. (2005). **A ponte das turquesas**. Rio de Janeiro: Editora Record.

CARDEIRA DA SILVA, M. (1997) Islão plástico. **Etnográfica**. vol. I (1), pág. 57-72.

CONWAY, T. D. (2014) **Cross-cultural Dialogue on the Virtues: The Contribution of Fethullah Gulen**. Editora: Springer International Publishing.

CRAPANZANO, V. (1991) El dilema de Hermes: la máscara de la subversión en las descripciones etnográficas. En: Clifford, y Marcus, (eds.). **Retóricas de la Antropología**. Editorial Júcar, Madrid, España.

DANTAS, S. D. (2012) Para uma Compreensão Intercultural da Realidade. *In*: Dantas, Sylvia Duarte (org.). **Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais**. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. ISBN: 978-85-63007-03-2

DUMOVITCH, L. (2016). O Movimento Hizmet no Brasil: comunidade, organização e atividades. Disponível em https://www.academia.edu/26220834/O_MOVIMENTO_HIZMET_NO_BRASIL_COMUNIDADE_ORGANIZA%C3%87%C3%83O_E_ATIVIDADES . Acessado em 12/07/2016.

GÜLEN, M. F. (2010a). **Ensaio-Perspectivas-Opiniões**. Editora Tughra.

GÜLEN, M. F. (2010b). **Uma análise da vida do Profeta Muhammad: o mensageiro de Allah**. Editora Tughra.

KARAM, J. T. (2009) **Um outro arabesco: etnicidade sério-libanesa no Brasil neoliberal**. São Paulo: Martins.

MICHEL, T. (2014). **Insights from the Risale – I Nur**. New Jersey: Tughra Books.

VALLE, M. D. (2013) Conheça a Istambul que vai além da novela “Salve Jorge”. **Folha de São Paulo**. Caderno de Turismo. Publicado em 18/04/2013. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2013/04/1263993-conheca-a-istambul-que-vai-alem-da-novela-salve-jorge.shtml>